



GT 2. Estado, ideologias e meios de comunicação

Capitão América: as relações sócio-econômicas na Segunda Guerra Mundial março/abril de 1941

Carlos Eduardo Boaretto Pereira¹

Introdução

As produções culturais consistem de alguma forma com uma identificação política, econômica, social ou ideológica que seus autores expressam em suas obras suas perspectivas, sonhos e ideais, ou seja, nenhuma obra é pura de intenções. As histórias em quadrinhos, assim como os filmes, novelas, séries de TV, desenhos animados, são produções fictícias, e que na maioria das vezes, trazem elementos da vida cotidiana, política, econômica do momento a qual ela está sendo produzida.

[...] os filmes artísticos ou documentários são em grande parte, produtos das condições sociais que o produziu, permitindo uma leitura ideológica através de suas imagens e diálogos, assim como de parte do imaginário ao qual foram produzidos.²

Apesar de Castro estar falando de Cinema, entendemos que essa perspectiva pode ser ampliada para as demais fontes artísticas produzidas

¹ Graduando do curso de licenciatura em História, Unioeste. End. eletrônico: carlos_botto@yahoo.com.br

² DE CASTRO, Nilo André Pianna. Segunda Guerra Mundial e Cinema. In: Segunda Guerra Mundial, da crise dos anos 30 ao Armagedón. Porto Alegre. Editora Folha da História. 2000. p.273-286.

tendo em vista que produções fictícias como os HQ's também retratem personalidades ou fenômenos do cotidiano do seu tempo, a exemplo da própria primeira revista em quadrinhos do Capitão América.

No final dos anos 30 o governo do EUA exerceu forte influência política e econômica no Pacífico e mesmo não participando diretamente da primeira parte dos conflitos na Segunda Guerra, tinham interesses comerciais nessa região, onde também havia uma expansão territorial proposto pelo governo do Japão, gerando um conflito de interesses imperialistas.

[...] Devido à guerra com a China (até então aliada dos norte-americanos), o Japão sofreu boicotes econômicos, embargos comerciais (principalmente de petróleo) e pressões diplomáticas. Até o início da década de 40, o país resistiu em função da aliança com a Tailândia, que lhe permitiu realizar uma forte ofensiva contra a Indochina, como também da assinatura do Pacto Tripartite, com Alemanha e Itália em 1940.³

Esse pacto influenciou o Japão a uma maior ofensiva de conquistas contra os outros países asiáticos, essa atitude teve como consequência o início dos conflitos diplomáticos com os EUA, que também usufruíam de forte política de influências na Ásia.

[...] Além disso, devido às constates derrotas dos Impérios Coloniais e à necessidade, cada vez mais premente, de matérias primas e de formação de um cinturão de defesa, os japoneses voltaram os seus interesses para sudoeste asiático. Entretanto, a conquista de tais territórios era inviável em função da forte presença militar norte – americana na região (principalmente nas Filipinas). Os interesses de ambos os países na Ásia eram excludentes; crescia a disputa imperialista. Os EUA pressionavam para a retirada das forças armadas nipônicas o que, em última instância, significava a rendição do Japão; A guerra contra os EUA era inevitável.⁴

Podemos perceber que o que estava em jogo nesse conflito no Pacífico, era a hegemonia do controle de mercados e território influenciados pelas duas nações, mesmo isso não sendo propriamente uma guerra declarada. Com o decorrer desse impasse diplomático e com os confrontos na Europa desencadeando para uma guerra, os japoneses apostaram num ataque aos norte-americanos. “Pearl Harbor foi bombardeada por uma força tarefa nipônica em 7 de dezembro de 1941”.⁵

3 RODRIGUES, Gabriela. O Conflito na Ásia In: Segunda Guerra Mundial, da crise dos anos 30 ao Armagedón. Porto Alegre. Editora Folha da História. 2000. p.182.

4 Idem, ibidem.

5 Idem.

Nasce um Herói?

Mas o que isso tem haver com o Capitão América?

Curiosamente antecedendo esses ataques, é que a história em quadrinhos, “Captan America Comics, editado pela a editora Timely - antecessora da Marvel. Data de Março de 1941.”⁶.

Mas o que chama a atenção na primeira edição de Capitão América é justamente o principal inimigo mostrado nessa capa ser Hitler líder alemão, e quem faz os ataques a Pearl Harbor são os japoneses, os quais também são os principais conflitantes no Pacífico pela hegemonia comercial antes da declaração de guerra.

A fonte utilizada é a revista “Capitão América: As Primeiras Histórias”, uma edição lançada em 1992, que publica na integra os conteúdos das revistas Capitão América Comics N° 1 e N° 2, lançados em 1941. A capa que encaderna as duas primeiras revistas re-editadas no início dos anos 90 é um recorte da capa do segundo HQ lançada em 1941. Observar Figura 01.

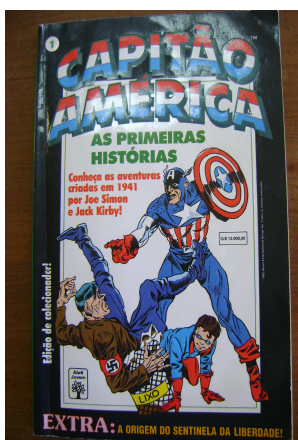


Figura 1: Capa da Revista “Capitão América: As Primeiras Histórias” 1992

Entendemos que essa é uma referência clara e explícita anti-nazista que estará presente no interior das duas primeiras edições das aventuras da sentinela da liberdade ⁷.

⁶ Revista Capitão América: As primeiras histórias. São Paulo. Abril, 1992. p. 5

⁷ Sentinela da liberdade é como o autor da revista vai chamar o Capitão América em várias situações no decorrer do HQ. Vamos também utilizar esse “apelido” para pensar o seu significado. Já em uma análise parcial, podemos identificar que esse seu apelido o coloca como o defensor da liberdade, democracia americana, e de suas fronteiras, e o que nos indica que existem dois projetos em disputa, o da tirania dos nazi-fascistas e da chamada liberdade democrática americana.

Luciana Zamprogne Chagas, no artigo “*Capitão América: interpretações sócio-antropológicas de um super-herói de histórias em quadrinhos*”, ao qual ela faz uma análise da personagem, podemos pensar que o Capitão América não surge por acaso e que representava não apenas mais um herói que foi re-laborado para combater os nazistas em histórias fictícias, a exemplo de tantos outros que surgiram durante o final dos anos 30 e que na década de 40, durante a Guerra, apareceram em suas edições com um forte discurso nacionalista e anti-nazista, a exemplos de Super-Homem, Batman, Mulher Maravilha, Namor, e o personagem da Disney, Pato Donald. Justamente o que faz o Capitão América diferente é que ele não é um alienígena com super poderes (Super-Homem), nem um ser mitológico (Diana princesa amazona, Mulher Maravilha), um deus marinho (Narmor, que é o senhor de Atlântida) ou um animal (Pato Donald), e apesar de Bruce Wayne (Batman) ser um humano sem poderes sobrenaturais, ele é um membro da elite de Gotan City⁸ e constrói seus equipamentos com o dinheiro de sua família que herdou após o assassinato de seus pais, portanto esses outros personagens não possuem identificação com a maioria da população norte-americana da época, e muito menos com os soldados que lutavam durante a guerra, justamente isso que difere o Steve Rogers, o Alter Ego⁹ do Capitão América, das outras personagens. “Hoje, esse rapaz alistou-se no exército e foi recusado por suas condições físicas sua oportunidade de servir ao país parecia perdida”¹⁰, o que seria um personagem perfeito para incentivar não só as tropas americanas, como vários outros jovens a se alistarem.

[...] o Capitão América era um panfleto e havia público para ele. Um público que foi com o Capitão América para as trincheiras, quando sua tiragem foi toda comprada pelo governo estadunidense e distribuída entre seus “soldados franzinos”. Jovens que se alistaram no exército estadunidense e que viam na personagem, a inspiração para que pudessem manter o seu ideal enquanto combatentes da guerra.¹¹

Outros elementos que veremos nos quadrinhos podem nos dar uma identidade desse herói que nasce para combater os nazistas.

Chagas analisa alguns elementos significativos que aparecem no uniforme do Capitão América, além do detalhe da bandeira do uniforme.

8 Gotan City, cidade fictícia a qual reside o herói Batman.

9 Alter ego ou alterego (do latim alter = outro ego = eu) pode ser entendido literalmente como outro eu, outra personalidade de uma mesma pessoa. O termo é comumente utilizado em análises literárias para indicar uma identidade secreta de algum personagem ou para identificar um personagem como sendo a expressão da personalidade do próprio autor de forma geralmente não declarada. <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alterego>> Acessado em 02 de Novembro de 2009, às 16h45min

10 Revista Capitão América: As primeiras histórias. São Paulo. Abril, 1992. p. 12

11 CHAGAS, Luciana Z. Capitão América: interpretações sócio-antropológicas de um super-herói de histórias em quadrinhos. In: SINAIS - Revista Eletrônica. Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, v.1, n3.p140

Além disso, há o pequeno detalhe de seu capuz: as asas. O mesmo chapéu alado é um dos adereços do deus helênico Hermes, também conhecido como Mercúrio. Filho de Zeus (Júpiter) e Maia Hermes possuíam asas no chapéu e nas sandálias, pois era o mensageiro ou intérprete da vontade dos Deuses. Era ele quem guiava as almas dos heróis ou pessoas importantes até o rio Estige, lugar que ligava o reino dos vivos com o reino dos mortos e foi ele quem tentou resgatar Perséfone dos mortos quando ela foi perseguida por Hades.¹²

Mas não é apenas o Capitão América em si e o seu uniforme que nos revelam quais são suas intenções, mas o conjunto de suas relações com o próprio andamento do HQ. Em seu primeiro número existem diversos elementos que vão dando a característica desse personagem e qual sua proposta. Chagas também faz uma análise bastante detalhada da primeira capa do Capitão América, e mostra várias possibilidades de se pensá-la.

Como já dito anteriormente, a Capa da revista #1 do Capitão América – também sua primeira aparição – é emblemática: nada menos do que o super-herói socando Hitler. Além disso, existem na capa, diversos detalhes que compõem um visual declaradamente hostil aos nazistas. É importante pensar, também, no impacto visual que essa capa trouxe a quem a leu em 1941 e a quem lê agora. Confeccionada com o intuito de fortificar o sentimento patriota e nacionalista nos soldados e cidadãos estadunidenses, ela tenta demonstrar algo como a Alemanha nazista, e conta com uma grande bandeira do partido ao fundo, e diversas outras suásticas espalhadas pela cena. Outro ponto interessante é que enquanto o Capitão América soca o “Fuehrer”, três soldados ao fundo, de hierarquias diferentes dentro do exército alemão, tentam matá-lo a tiros. É como se o Capitão América estivesse lutando não só contra aquelas pessoas que ali estavam, mas contra toda a Alemanha nazista. Outra figura que destoa é, ao fundo, um homem com fones de ouvidos olhando para uma televisão enorme, cuja tela contém um homem de terno e chapéu – possível espião nazista – acionando um dispositivo de dinamite e uma grande explosão, de algum prédio, onde está escrito “Fábrica de equipamentos de Guerra” um trocadilho, pois em inglês essa frase “U.S. Munitions Works” também poderia ser identificada como “as armas dos Estados Unidos funcionam”. Outro ponto que vale ser ressaltado é uma janela que se encontra na margem direita da composição, cujas grades estão tortas e quebradas, o que nos leva a entender que foi por esse espaço que o Capitão América entrou, sozinho, no Quartel General de Hitler. Ainda na capa, no primeiro plano da figura, existe uma mesa, com um mapa dos Estados Unidos e uma folha rosa embaixo, onde se podem ler algumas letras das palavras que nos levam a frase: “planos de sabotagem para os Estados Unidos”. Atrelando isso à frase anterior, de que as “armas dos Estados Unidos funcionam”, e a toda composição da figura percebe-se a mensagem que se passa: o inimigo é fraco, pois precisa traçar planos de sabotagem e

12 Idem, p.143

espionagem, todo o exército luta contra apenas um soldado estadunidense. Em contrapartida, a superpotência de guerra “Yanke”, simbolizada na figura de um super soldado.¹³

Apesar da autora apenas analisar detalhadamente a capa da primeira edição de 1941 e uma parte da história, “*O Nascimento da Sentinela da Liberdade*”, que é o prelúdio das demais histórias contidas na revista. Suas indicativas são ricas para se pensar as demais histórias que fazem parte da nossa pesquisa.

O Governo aprova um projeto secreto para criar um exército de super-soldados. Steve Rogers foi o primeiro voluntário. O professor maluco de nome “Reinstein” injeta em Rogers um líquido especial e o transforma em um super-soldado, nomeando-o: “nós devemos chamá-lo de Capitão América filho! Porque, como você, a América deverá ganhar a força e a coragem para guardar nossas fronteiras!” (Captain América #1, 1941). Logo em seguida, um nazista espião mata o professor e a fórmula morre com ele, deixando o Capitão América só na tarefa de sentinela das fronteiras¹⁴

O mais interessante desse prelúdio é a propaganda que vem no final dessa parte da história. Em meia página e num quadrinho inteiro, tem a seguinte descrição em preto e amarelo num fundo rosa. “Veja como você pode se tornar membro das Sentinelas da Liberdade do Capitão América e Unir-se ao grande herói em sua guerra contra os espíões e inimigos que ameaçam a nossa independência...”¹⁵. Ao lado outro letreiro em forma de círculo, de cor roxa escrito em cores verde amarela e preta. “Envie 10 cents à Tinely Publication para custo de correio e receba um distintivo oficial e cartão de membro”¹⁶ Em baixo desses dois letreiros um desenho que supostamente seria o distintivo dos sentinelas da liberdade, é uma miniatura do escudo do Capitão América, que até então era triangular, no escudo ao centro superior uma imagem do rosto do Capitão América, do lado direito à imagem do Bucky e do seu lado esquerdo a imagem do rosto da Betty Ross¹⁷, o escudo é em sua parte superior com a estampa dos rostos dos heróis, e na parte inferior com as cores e listras da bandeira norte americana com os dizeres Sentinela da liberdade e um lugar para um número, que seria para identificar o número da inscrição desse possível ajudante do Capitão América. Também há uma ilustração do que seria o cartão de membro das Sentinelas da liberdade, “Membros dos Sentinelas da Liberdade. Juro solenemente apoiar os princípios dos Sentinelas da Liberdade e ajudar o

13 Idem, p. 144

14 Idem, p. 140

15 Revista Capitão América: As primeiras histórias. São Paulo. Abril, 1992. p. 15.

16 Idem, ibidem.

17 Investigadora do governo americano que aparece eventualmente nas aventuras do Capitão América.

Capitão América em seu combate contra espões nos EUA.”¹⁸. Claramente essa parte da revista nos mostra a intenção da editora em semear o ideal patriótico e social para os leitores do HQ, cabe a nossa pesquisa identificar se esses ideais estão relacionados com as políticas econômicas dos EUA e se o governo estadunidense via a posição dos nazistas a ponto de vias de fato Hitler e seus aliados ganharem a guerra e ameaçarem a posição política de influências dos EUA em último verificar se eram questões políticas entre inimigos que supostamente teriam ideologias diferentes e interesses comerciais divergentes.

Ariel Dorfman e Manuel Jofre em “*Super-Homem e seus amigos do peito*”, fazem indicativos interessantes para pensarmos os HQ’. Ariel Dorfman discute o personagem Zorro, o pistoleiro, enquanto Manuel Jofre faz uma análise mais generalizada das revistas que são publicadas no Chile.

Para Dorfman as revistas são transmissores de uma ideologia ligada ao capital, principalmente do pensamento liberal norte-americano, representantes do pensamento de uma classe dominante. Os eventos que ele vai descrevendo ao longo das histórias em quadrinhos do Zorro, vai apontando os indicativos de como essas revistas em quadrinhos não servem apenas como entretenimento.

Trata-se, como em qualquer estrutura de ficção em que predomina a ação, de destruir um adversário que veio perturbar a tranquilidade do cosmos. As façanhas do protagonista são imprescindíveis para garantir o bom funcionamento deste mundo, através da eliminação do foco ameaçador. Há uma crise que se manifesta de maneira intensa e somente quando essa situação crítica estiver superada, o justiceiro poderá prosseguir sua viagem.¹⁹

Dorfman acentua que a perturbação “a tranquilidade do cosmos” nas histórias do Zorro, é a perturbação à ordem social vigente, os inimigos de Zorro, ora são bandidos que atacam propriedade privadas, ou o fazendeiro que tenta expandir seu capital de maneira imoral, então Zorro só segue viagem quando prende os bandidos, ou utiliza de sua conduta moral para alertar o fazendeiro que essa não é uma maneira de legitimar sua riqueza. Zorro tem em sua personalidade a moral e a ética burguesa, de defesa da acumulação do Capital, ele não reprime o fazendeiro por querer expandir seu capital, mas apenas por não o fazer isso dentro da ética. Nas histórias do Capitão América, quem ameaça essa ordem, os nazistas, os espões que invadem os EUA e boicotam as indústrias, prédios do governo, seqüestros de figuras ilustres da elite, ou seja, um boicote ao desenvolvimento do capital norte americano.

18 Revista Capitão América: As primeiras histórias. São Paulo. Abril, 1992.p.15

19 DORFMAN, Ariel; JOFRE, Manuel. Super-Homem e seus amigos do peito. Paz e terra, Rio de Janeiro, 1978. p.17

Jofre assim como Dorfman, aponta a falta das relações políticas nas histórias em quadrinhos, além da falta dos conflitos sociais.

O trabalho, a política ou a procriação, são os temas frente aos quais, o gênero é mais renitente. É o que acontece com os conflitos sociais de qualquer tipo: diferenças sociais, por exemplo. Quando o trabalho aparece, como no caso de Super-homem, que na sua verdadeira personalidade cotidiana (a de Clark Kent) é jornalista do “Planeta”, só serve como chamariz para uma identificação mais profunda com o super-herói ou para motivar novas aventuras. Porém surgiu perfeitos (na Disneylândia), mas sempre fazendo discursos ou inaugurando estatuas, nunca atuando politicamente. O que tenta ser uma família normal, nunca é: Falta à mãe ou “os filhos” que são na verdade sobrinhos ²⁰.

Dois desses apontamentos de Jofre estão presentes nas revistas do Capitão América, o primeiro é que Steve Rogers, o alter ego do Capitão América não possui um emprego com salário, na verdade ele é um recruta de um quartel, uma espécie de faz tudo, o trabalho dele varia desde descascar batatas, até limpar os banheiros do quartel, sempre submisso ao seu Sargento. Essa postura é clara da maioria dos super-heróis, a benevolência, humildade, mesmo sendo um herói, quando não está vestido com tal, é um ser humano normal e harmonioso, trabalhador e obediente das disciplinas da sociedade, sem reclamar dos seus superiores, dos salários ou dos serviços.

A segunda é a da ordem dos políticos, mesmo aparecendo vários deles no interior da revista, eles não agem ativamente para resolver problemas da população, quando aparecem, os norte-americanos, estão procurando modos de defender o estado das posições de seus adversários, e os nazistas tramando atacar os EUA.

Ao dividir a realidade social objetiva em parcelas diferentes e estaques, que nunca se tocam, anula-se uma característica estrutural do mundo contemporâneo, (e de uma sociedade de classe) seu caráter problemático, contraditório, conflito e dinâmico. Este parcelamento é o que permite não mostrar as contradições entre o capital e o trabalho, ao eliminar, por exemplo, tudo o que seja laboral. ²¹

Jofre e Dorfman analisam as revistas em quadrinhos, no geral, sem identificar as particularidades das revistas, ou seja, cada revista propõe uma discussão diferente, quando se analisa num todo, não se identifica as peculiaridades delas.

Mesmo assim a análise da falta de conflito de classe, a defesa da estrutura econômica capitalista, a ausência de pensamento crítico, entre

20 Idem, *ibidem*, p.102.

21 Idem, p.103.

outros, também está ausente nas histórias em quadrinhos do Capitão América.

Um dos principais recursos presente nos quadrinhos é o maniqueísmo. Mediante ele se mostra o mundo humano fragmentado e polarizado em bons e maus. Esta demarcação ética tende a resolver-se no clímax, onde sempre vencem os bons. Bons são todos os super-heróis, porque representam à justiça e defendem a lei.²²

O Capitão América é bom, se alistou no exército e foi voluntário para defender as linhas americanas na guerra, é justo e nunca provoca a morte de seus adversários, mesmo eles sendo retratados como maus, covardes, ratos, indignos e sem honra. A relação do Capitão com seus inimigos é um embate representado entre o bem e o mau, entre o Loiro, alto e bonito, o herói e o feio e asqueroso, o bandido.

Conclusão

As representações encontradas nas histórias em quadrinhos do Capitão América, não são apenas ideologias de um estado anti-nazista, as histórias dessa personagem estão carregadas de significados oriundos de uma clara defesa da hegemonia comercial dos EUA, e também da necessidade de manter essa hegemonia. As histórias contidas nesse HQ não crítica a forma de como os trabalhadores são tratados na Alemanha de Hitler, nem as mortes dos judeus nos campos de concentrações, e muito menos as guerras de conquista na África e Ásia. A crítica não está na forma de como os Nazistas ideologicamente conduzem seu governo, mas na ameaça à hegemonia econômica e política que a vitória do mesmo pode trazer para os EUA.

A questão que se percebe a priori nas análises até aqui feitas, nas histórias em quadrinhos do Capitão América, é que existe um posicionamento ideológico da personagem que atravessa o campo cultural para o campo político e econômico.

Bibliografia

DE CASTRO, Nilo André Pianna. Segunda Guerra Mundial e Cinema. In: *Segunda Guerra Mundial, da crise dos anos 30 ao Armagedón*. Porto Alegre. Editora Folha da História. 2000. pp.273-286.

²² Idem.

DORFMAN, Ariel; JOFRE, Manuel. Super-Homem e seus amigos do peito. Paz e terra, Rio de Janeiro, 1978

CHAGAS, Luciana Z. Capitão América: interpretações sócio-antropológicas de um super-herói de histórias em quadrinhos. In: *SINAIS - Revista Eletrônica. Ciências Sociais*. Vitória: CCHN, UFES, v.1, n3, pp.134-162

Revista Capitão América: As primeiras histórias. São Paulo. Abril, 1992

RODRIGUES, Gabriela. O Conflito na Ásia In: *Segunda Guerra Mundial, da crise dos anos 30 ao Armagedón*. Porto Alegre. Editora Folha da História. 2000. pp177-186